

Uma proposta de discursivização semiótica do corpo do cristão

A proposal for semiotic discursivization of the christian's body

Sonia Gonçalves Batista Dias*
Sueli Maria Ramos da Silva**

Resumo

Este artigo apoia-se nos pressupostos teóricos da semiótica discursiva inaugurada por Algirdas J. Greimas (1975) e seus desdobramentos tensivos (Zilberberg, 2011) associados à noção de corpo. Propõe, como objetivo geral, analisar as práticas de divulgação do discurso religioso nas mídias digitais, a partir de uma reflexão das configurações do corpo religioso apoiado na Bíblia Sagrada, discurso fundador da fé cristã. A partir dessa reflexão, seleciona o corpo do cristão para uma discursivização interposta com o corpo discursivo, baseando-se em Fontanille (2011) e na Bíblia Sagrada. Especificamente, pretende-se apreender o estilo que desjunge de um corpo proprioceptivo encarnado em uma experiência sensível, que aciona um campo de presença e toma uma posição a partir de um ponto de vista. Para tanto, analisa um trecho de um vídeo do YouTube intitulado "Tenha amor-próprio", no qual o padre Fábio de Melo responde uma carta de uma telespectadora do programa televisivo Direção Espiritual. Obtivemos como resultado um estilo de tom amigável, calmo, tranquilo com cadência lenta.

Palavras-chave: Corpo sensível. Semiótica discursiva. Discurso religioso. Mídia digital.

Abstract

This article is based on the theoretical assumptions of discursive semiotics inaugurated by Algirdas J. Greimas (1975) and its tensive developments (Zilberberg, 2011) associated with the notion of body. It proposes, as general objective, to analyze the practices of disseminating religious discourse in digital media, based on a reflection on the configurations of the religious body based on the Holy Bible, the founding discourse of the Christian faith. From this reflection, he selects the Christian body for a discursivization interposed with the discursive body, based on Fontanille (2011) and the Holy Bible. Specifically, the aim is to grasp the style that detaches from a proprioceptive body embodied in a sensitive experience, which activates a field of presence and takes a position from a point of view. To this end, it analyzes an excerpt from a YouTube video entitled *Tenha amor próprio*, in which priest Fábio de Melo responds to a letter from a viewer of television program *Direção Espiritual*. As a result, we obtained a friendly, calm, peaceful tone style with a slow cadence.

Keywords: Sensitive body. Discursive semiotic. Religious speech. Digital media.

Artigo submetido em 12 de outubro de 2023 e aprovado em 26 de novembro de 2025.

* Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Doutoranda em semiótica discursiva pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (UFMS) de Campo Grande desde 2020. País de origem: Brasil. ORCID: 0000-0002-3427-1875. E-mail: soniabatistao806@gmail.com.

** Doutora e Mestre em Semiótica e Linguística geral - FFLCH-USP. País de origem: Brasil. ORCID: 0000-0002-2631-066X. E-mail: soniabatistao806@gmail.com.

Introdução

Este artigo tem como proposição analisar as práticas de divulgação do discurso religioso cristão nas mídias digitais, a partir de uma proposta de discursivização interposta entre o corpo semiótico e o corpo do cristão, conforme apresentado pelo apóstolo Paulo em carta aos Tessalonicenses (1Ts 5.23). Convoca, assim, a proposta de corpo da semiótica discursiva e seus desdobramentos tensivos, juntamente com a proposta de Fontanille (2011), de um corpo proprioceptivo encarnado em uma experiência sensível, que aciona um campo de presença e toma uma posição a partir de um ponto de vista.

A Bíblia Sagrada, discurso fundador da fé cristã, possui uma noção antropomórfica de corpo assim como a semiótica discursiva, todavia, enquanto a primeira parte de um ponto de vista religioso, a segunda surge em uma proposta mais elaborada e científica da linguagem, tratando o corpo como operador da semiose em uma articulação bidimensional que reúne expressão e conteúdo, "pois o sensível e o inteligível estão irremediavelmente ligados no ato que reúne os dois planos de linguagem" (Fontanille, 2008, p. 30).

Sem pretender tratar da totalidade das ideias de Fontanille (2011), propomos uma análise semiótica de um trecho do vídeo intitulado *Tenha amor-próprio*, do início da fala do enunciador até o tempo de cinco minutos e trinta e seis segundos (5'36"). Trata-se de uma mensagem cristã de vertente católica, proferida na emissora televisiva Canção Nova, e veiculada em sete de outubro de 2015, mas posteriormente postada no *YouTube*, em nove de outubro de 2015, no canal intitulado Fabiano Pereira

Faz-se pertinente o estudo da religião e religiosidade nos estudos da semiótica discursiva, pois a relação entre a semiótica e estudos acerca de religião e religiosidade se deu por iniciativa de Greimas, com a obra *Du Sens* (1970). Encontramos elaboração de histórico da semiótica discursiva com estudos da religião e religiosidade em autores como Silva (2013, 2018), Chabrol (1980), Thériault (2006) e Panier (1986; 1989; 2008), os quais contribuem com a informação de que houve uma sessão de três dias realizada no *Grand Séminaire de Versailles*, em setembro de 1968, a qual foi considerada o marco inaugural dos estudos em semiótica bíblica. Inicia-se na França os estudos exegéticos na semiótica, conforme consta em Panier (1989), a partir do Congresso de 1969 da Associação Bíblica Francesa para o estudo da Bíblia (A.C.F.E.B.).

Os debates provenientes desse encontro foram publicados sob o título

Exégèse et Herménéutique, Paris, Seuil, Col. Parole de Dieu, 1971 (Silva, 2018). Na universidade Lyon, cria-se o *Centre pour l'Analyse Du Discours Religieux (CADIR)*, com a publicação do periódico *Sémiotique et Bible*, por iniciativa de J. Delorme e J. Calloud (Silva, 2018).

No Brasil, destacamos alguns estudos realizados acerca de semiótica e discurso religioso como Pietroforte (1997), Jadon (2009), Postal (2007, 2010), Silva (2007, 2012, 2018), Demarchi (2015), Cardoso (2017), Santos (2018) e Soares (2020).

O artigo organiza-se a partir da noção do corpo na tradição cristã, a noção de corpo na semiótica discursiva, uma discursivização interposta entre o corpo do cristão e o corpo semiótico e o pregador no cenário de gravação

1 O corpo na tradição cristã

A fim de compreender a noção de corpo na tradição cristã, é necessário primeiramente compreender a noção de "Igreja". No dicionário Vine (2002), o verbete "Igreja" aparece como sinônimo de congregação, cujo significado é de "companhia reunida" para certo propósito, semelhante às palavras gregas *synagoge* e *ekklesia*, das quais são derivadas as palavras "sinagoga" e "igreja" (Igreja, 2002).

Valério (2024), em seu artigo "Igreja: organismo ou organização?", apresenta a igreja tanto como organismo, quanto organização. O autor pauta-se em Dusing (1996, p. 556-557) para trazer à tona a importância das duas visões em relação à igreja, pois enquanto organização são consideradas sua estrutura e forma, enquanto a visão da igreja como organismo que possui e gera vida (Valério, 2024, p. 17).

A noção de igreja como organismo vivo, gerador de vida é encontrada com mais ênfase nos discursos cristãos, embora seja perceptível a organização quanto a estrutura predial e administrativa, a noção de organismo vivo é difundida com mais ênfase. O conceito de corpo para se referir à igreja e sua relação com Cristo consiste na noção de que Jesus Cristo é o próprio Deus, visto ser parte da Divina Trindade. E a igreja, segundo consta na Bíblia Sagrada, é o corpo de Cristo, sendo Cristo sua cabeça. Conforme diz o apóstolo Paulo, em carta aos Efésios, referindo-

se a Jesus Cristo: "Deus colocou todas as coisas debaixo de seus pés e designou [Jesus Cristo] como cabeça de todas as coisas para a igreja, que é o seu corpo [...]" (Ef 1.22-23).

Em carta aos Colossenses, Paulo juntamente com Timóteo, registra uma passagem a respeito da igreja enquanto corpo de Jesus Cristo: "Agora me alegro em meus sofrimentos por vocês, e completo no meu corpo o que resta das aflições de Jesus Cristo, em favor do seu corpo, que é a igreja" (Cl 1.24).

Para os cristãos, a igreja é para além do prédio físico construído com pedras ou tijolos, pois a igreja é o povo cristão, um corpo constituído pela coletividade dos que partilham da mesma fé. Há ainda a crença de que o próprio cristão é templo, mediante a fé nos inscritos bíblicos do Novo Testamento, pois no Antigo Testamento a presença de Deus ainda era obtida apenas no Santo dos santos, um ambiente sagrado.

Para entendermos melhor a questão do Santo dos santos, é necessário voltarmos no Antigo Testamento, mais especificamente em Êxodo 26.33, quando Deus ordena a Moisés edificar uma tenda dividida por um véu. Uma parte, para dentro do véu, chamada de Santo dos Santos, recebeu a Arca da Aliança¹, parte essa na qual a presença de Deus se manifestava. Quem pisasse na parte de fora do véu estaria em lugar santo, mas quem entrasse na parte de dentro do véu, estaria na presença de Deus. Para dentro do véu era permitido o acesso apenas ao sumo sacerdote, o qual entrava uma vez ao ano para oferecer sacrifício especial pelo pecado de todo o povo (Lv 16).

Conforme consta no discurso fundador bíblico, o entendimento de templo como o lugar que Deus habita restringiu-se ao Velho Testamento, que inclui além da Tenda com a Arca da Aliança, o suntuoso templo construído no Monte Moriá, em Jerusalém, pelo então Rei Salomão. Mais tarde, o templo onde habitava o Senhor foi destruído por Nabucodonosor, rei da Babilônia (2 Crônicas 36.7) e reconstruído setenta anos depois, nos dias de Esdras (2 Crônicas 3), estando o

¹ A Arca da Aliança é a representação da aliança de Deus com o povo hebreu e onde se acondicionavam as tábuas dos dez mandamentos.

Santo dos santos presente em todos esses templos.

Com base na noção de que o Velho Testamento é aludido no Novo Testamento (Geisler; Nix, 1997, p. 7), há um diálogo entre Êxodo 26.33 e o momento em que Jesus, na cruz, brada: "Está consumado" (Jo 19.30), sendo o brado de Cristo o momento em que o véu do Santo dos santos se rasgou e todo aquele que estiver no espaço antes do véu passa a ter livre acesso a Deus.

Desse modo, a partir do sacrifício de Jesus Cristo na cruz, todo aquele que Nele crê tem livre acesso a Deus, justificados por Cristo, sem a necessidade de um templo, ficando o ambiente, prédio físico, como o ponto de encontro dos fiéis. E o templo que contém a presença de Deus é, agora, manifestado no corpo do cristão, conforme consta em 1 Coríntios 12.12: "Porque, assim como o corpo é um, e tem muitos membros, e todos os membros deste um corpo, sendo muitos, são um só corpo, assim é Cristo também".

O corpo do cristão também é tido como um corpo trino, composto por um espírito, uma alma e um corpo, conforme podemos observar na primeira carta do apóstolo Paulo aos Tessalonicenses, no capítulo 5.23: "E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo".

O dicionário Vine apresenta o verbete "alma" com algumas definições importantes, tendo a alma (psyche) como a "respiração de vida". Além disso, com base em passagens bíblicas do Novo Testamento, encontramos no Vine a definição de "alma" como: "(a) a vida natural do corpo; (b) a parte imaterial, invisível do homem; (c) homem desencarnado ou 'despido', ou 'desnudo'; (d) o lugar da personalidade; (e) o lugar do elemento consciente no homem, pelo qual ele percebe, reflete, sente, deseja [...]" (Alma, 2002).

Quanto à distinção entre "alma" e "espírito", o mesmo dicionário Vine sustenta que "o 'espírito' pode ser reconhecido como o princípio de vida dado por Deus ao homem" (Alma, 2002); enquanto "a alma, como a resultante vida constituída no indivíduo, sendo o corpo o organismo material animado pela alma e pelo espírito"; e apresenta, em resumo, que a constituição do corpo é "sôma

(corpo) e *pneuma* (espírito) podendo *pneuma* ser separado em *pneuma* (espírito) e *psyche* (alma), o que demonstra uma aceitação do corpo, na visão teológica, tanto como bipartido, quanto tripartido (Alma, 2002).

Em Boor e Bürki (2007, p. 96-97) encontramos a noção tripartida de corpo ao admitir a alma como mediadora entre o corpo e o espírito, tendo este último como aquele que equipa a alma com conhecimento e vontade. "Deus cuida de todas as três partes e as preserva. Afinal, nossa vida toda é uma corrente dessas proteções, que às vezes dizem mais respeito ao corpo, às vezes mais respeito à alma e ao espírito" (Boor; Bürki, 2007, p. 96-97).

Irineu de Lião entende *pneuma* como o Espírito de Deus, presente apenas nos homens que estão em estado de graça. O que nos leva a compreender, na visão de Lião, o homem bipartido (corpo e alma) quando sem a presença do Espírito Santo, enquanto o homem tripartido seria o homem com corpo, alma e Espírito Santo.

[...] quando, porém, este Espírito mistura-se com a alma e se une à obra modelada, pela Efusão deste Espírito, realiza-se o homem espiritual e perfeito, e é este mesmo que foi feito à imagem e semelhança de Deus. Se, porém, falta o Espírito à alma, este homem será verdadeiramente psíquico e carnal, mas imperfeito, porque possuiria a imagem de Deus enquanto criatura modelada, mas não teria recebido a semelhança por meio do espírito (Irineu de Lião, 1995, p. 530).

Neste artigo, escolhemos admitir o corpo do cristão como tripartite. A partir dessa noção, consideremos a palavra "corpo", neste caso, para designar a carnalidade, é o corpo enquanto carne, conforme podemos observar em Romanos, em carta redigida por Paulo e enviada à igreja na capital do império: "Pois, se vocês viverem de acordo com a carne, morrerão; mas, se pelo Espírito fizerem morrer os atos do corpo, viverão porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus" (Rm 8.13-14). Em outro versículo, na carta de Paulo aos Gálatas, no capítulo 5.13, o apóstolo orienta: "Irmãos, vocês foram chamados para a liberdade. Mas não usem a liberdade para dar ocasião à vontade da carne; ao contrário, sirvam uns aos outros mediante o amor" (Gl 5.13).

Em um paralelo com o corpo segundo Fontanille (2011), os versículos Rm 8.13-14 e Gl 5.13 são exemplos de que o termo carne se aproxima do que se

entende por matéria, pois é passível aos desejos, aos pecados, às vontades que surgem antes de uma concretização. Isso faz com que se assemelhe ao núcleo sensorio motor do corpo discursivo, chamado de "eu-carne" (*Moi*), do qual trataremos mais adiante.

Para fins de análise, a alma será considerada como aquela que filtra os sentimentos, as paixões moduladas pela razão, momento de escolha segundo o próprio coração. Quanto ao espírito, consideraremos como paixões moduladas por esse mesmo espírito, rendido a Cristo, em diálogo com o Espírito Santo, escolhe não suas vontades, mas a vontade perfeita de Deus.

Observe a disposição de nossa proposta a seguir:

Corpo do cristão (Tessalonicenses - 5:23).	
Corpo	a) Matéria; b) Vontade própria, que gera pecado.
Alma	Paixões moduladas pela razão.
Espírito	Paixões moduladas pelo espírito em diálogo com o Espírito Santo.

Tabela 1 – Elaboração nossa baseada na Bíblia Sagrada.

2 A noção de corpo na semiótica discursiva

Na semiótica discursiva encontramos, de certo modo, a trindade nos níveis do percurso – fundamental, narrativo e discursivo – visto serem três níveis (Greimas; Courtés, 2020), e também na conceituação do corpo discursivo, cuja materialização se dá a partir da instalação do corpo próprio no campo de presença entre as valências; corpo este que se "atrela a problemática da presença a da enunciação e constrói uma metalinguagem comum à estas duas instâncias, permitindo que ambas sejam tratadas, como variedades enunciativas da presença, controladas pelas categorias dêiticas de pessoa, espaço e tempo" (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 124-125), tanto no ponto de vista da expressão quanto do conteúdo, visto que a expressão é entendida como o modo de estabilizar o processo.

A noção de corpo atrela-se a noção de enunciação, que emerge concomitante à formação de um corpo, em uma metalinguagem. Sobre a enunciação, enquanto modo de existência, admitem-se três densidades. "Segue-se a apresentação dos três modos de existência então reconhecidos: o

virtualizado, o atualizado e o realizado" (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 132). Somam-se às três densidades a tonicidade, pois "[...] é preciso admitir que em nosso processo a tonicidade (esse complexo de intensidade e extensidade) prevalece sobre as demais grandezas" (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 133). Assim, a potencialização perpassa o percurso gerativo do sentido em todas as densidades de presença.

Desse modo, entendemos a semiose, tida como o processo de significação, implicada em uma profundidade passional, que passa a ser vista como afetiva; assim, tendo afeto e ação, entende-se que há, obviamente, um corpo como vestígio de uma experiência de propriocepção.

O corpo semiótico não está no registro da psicologia, pois não se trata do nível psicológico do corpo, mas sim como parte constituinte do processo de significação. Fontanille (2011) propõe tratar o corpo, na semiótica discursiva, não como o corpo físico, biológico, mas sim como corpo temático, o corpo narrativo, o corpo enquanto figura.

Trata-se de um corpo que nos permite revelar em sua ação os atos, a falha, o tropeçar, o acidente; enfim, é um corpo composto por uma figuralidade (identidade) e uma figuratividade (figura), forma de manifestação no nível discursivo. Podemos dizer que há dois corpos em uma incompletude, sendo um eu e um tu, cuja completude se dá quando se encontram entre as duas abscissas, tornando-se ambas partes de um só corpo.

A abscissa de intensidade é verticalizada e refere-se à interjeição, tida nos estudos gramaticais como aquela classe de palavra que não interfere no sentido; na tensiva assume valor sintático de regente do inteligível. O inteligível está na abscissa da extensidade, horizontalizada, equivale ao desenvolvimento sintático do processo, que é aspectualizado conforme o percurso do sujeito, que recebe influência dominante dos afetos. Segundo Tatit (2007, p. 376), o afeto é observado no andamento, pois as variações de velocidade, aceleração, desaceleração, retardos e antecipações, ou seja, é na aspectualização do processo.

Os estudos que instalam, dentro da reflexão semiótica discursiva, o corpo

enquanto aquele que percebe e que é percebido são inaugurados pela obra *Imperfeição* (1980) com Greimas e com *Tensão e significação* de Fontanille e Zilberberg (2001). Fontanille, na obra *Corpo e Sentido* (2011), realiza indagações sobre o corpo em semiótica, considerando o corpo como a caixa-preta da semiótica tensiva, a partir da existência do lado afetivo da significação que não se vincula a apenas composições afetivas do discurso, mas também ao sujeito enquanto personagem que percebe, pois está dentro da lógica discursiva.

Para Fontanille (2011), a semiose, processo de significação, é um fenômeno dado que implica uma profundidade passional, visto que ação e paixão são processos imbricados que desjuntam de um corpo. Sendo assim, o corpo não é um complemento da teoria semiótica e nem um suporte comunicacional. É, pois, a fonte, a sede das energias e dos afetos dos efeitos de sentido afetivos, pela qual se gerencia o sentido, cujo ponto de vista adotado dará o sentido que desjunta da articulação imbricada entre o plano de expressão e conteúdo.

Trata-se de um corpo actante que em um campo discursivo inscreve-se em uma formação discursiva, instala-se entre as valências formando um campo de presença tensivo. Esse corpo, individual e coletivo, quando mediante uma narrativa, tematiza-se, assume uma persona (personagem) no meio social, onde sofre as ações de outros corpos e é afetado em uma relação de interdependência axiológica pressuposta em todos os discursos e aspectualiza-se ora como sujeito passivo, paciente, "afetado" pelos acontecimentos do mundo, ora sujeito, ou agente e judicativo.

Na aspectualização é possível apreender os atos falhos, as indisposições, os lapsos, os tropeços, os acidentes, que são figuras que surgem e geram efeitos de sentido a partir da percepção desse corpo em um dado discurso, seja posicionado como enunciador ou como enunciatário.

Fontanille (2011) apresenta o conceito do que ele chama de corpo próprio. O corpo próprio é o corpo da percepção, presente nos efeitos das semioses, é toda a composição corporal, é toda percepção assumida a partir de um ponto de vista. O corpo próprio é construído a partir de tudo que experimenta. Já o corpo não próprio é o que excede a experiência, o corpo não próprio é possível ser percebido

apenas por um ângulo e não por outro, trata-se da alteridade.

O corpo próprio, enquanto corpo social que percebe e posiciona-se, compõe-se de uma identidade, cuja organização se dá em uma dimensão de membrana consciente e a outra dimensão como carne.

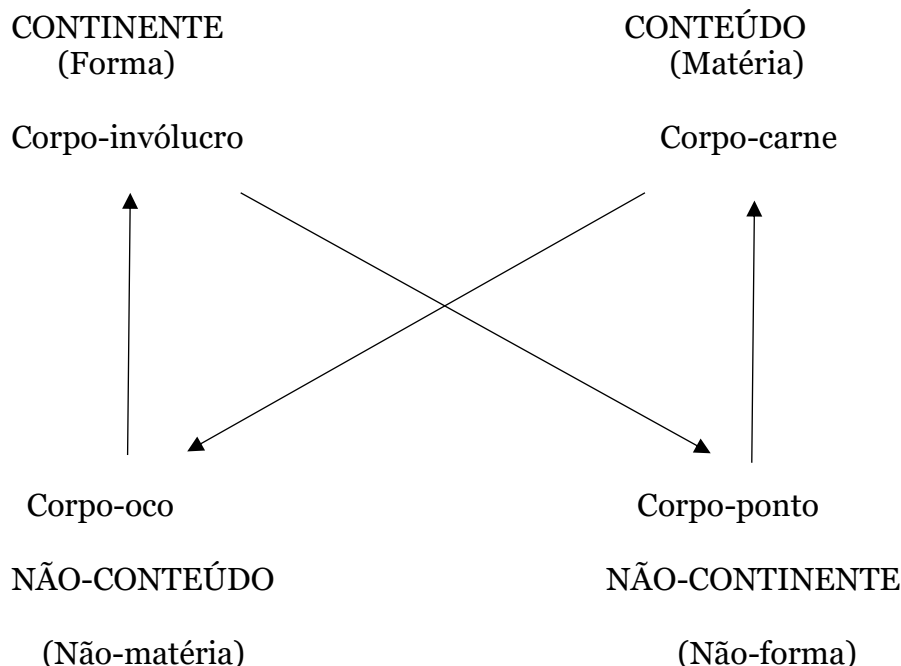
O corpo carne é a dimensão energética, o centro sensório motor, uma materialidade sensível, é o corpo individual, que não se deseja mostrar no social, não em um lapso, um ato falho, na demonstração de indisposição do corpo em realizar algo, nos tropeços, nos acidentes, chamado na instância actancial de *eu* (*moi* em francês), ou *eu-carne*. Uma vez observável o lapso no discurso, gera-se um efeito de sentido que pode se confirmar ao discurso em curso ou pode revelar a identidade que, inicialmente, pretendeu camuflar. O lapso, por exemplo, uma vez manifestado, é como uma fratura do corpo próprio que deixa a carne à mostra.

Esse *eu-carne* está envolto pelo corpo próprio, que mediante as pressões do mundo, modula-se ou apenas esconde-se na construção de personagens/figuras no interior do discurso. Esse *eu-carne* fica aprisionado ou mostra-se mediante uma constante pressão gerada por duas forças: uma força de contenção e uma força de ebulição. Sendo o *eu-carne* a força de ebulição e o corpo próprio, a força de contenção.

O corpo próprio, por sua vez, é o *si* (*soi* em francês). Esse *si* organiza-se em *Si-idem*, instância de captação, e *Si-ipse*, instância de "mira". O *Si-idem* corresponde ao corpo próprio que está operando mediante programação, hábito, repetição, equivale ao aspecto durativo, à continuidade, à implicação, é desacelerado, sempre eufórico. Já o *Si-ipse* permite um fluxo maior do *eu-carne*, digamos que dá mais espaço, mais abertura, é concessivo, acelerado, podendo ser eufórico ou disfórico, passível de cuidado, pois é o nível do corpo em que podem ou não ocorrer as falhas e vir à tona mais do que se deseja mostrar do *eu-carne*.

Fontanille (2011, p. 127) apresenta um importante esquema sobre a indissociação do suporte e do conteúdo na formação de um corpo-actante, cujos invólucro e movimento inextricavelmente ligados como as duas faces de um mesmo fenômeno, propõe um princípio de desenvolvimento e uma tipologia que

lhes são comuns.



Acima, há a reprodução de esquema que demonstra sistemas de valores figurativos de posições contrastantes, mas indissociáveis, conforme Fontanille (2011, p. 127), no qual "as relações de contrariedade fixa a distinção entre corpo-invólucro (onde a forma domina) e o corpo-carne (onde a matéria domina), quer dizer, na verdade, entre o continente e o conteúdo" (Fontanille, 2011, p. 128).

Observe a tabela a seguir:

Corpo semiótico (Fontanille, 2011)							
Conteúdo (Forma) - Corpo-invólucro	Conteúdo (Matéria/corpo carne)	Relação de interdependência	Força de ebulição	Eu-carne	Envolto pelo corpo próprio, mediante as pressões do mundo, modula-se ou apenas esconde-se na construção de personagens/figuras no interior do discurso. Esse eu-carne fica aprisionado ou mostra-se mediante uma constante pressão.		
			Força de contenção		Corpo próprio	Si	Si-idem: instância de captação. Opera mediante programação, hábito, repetição, equivale ao aspecto durativo, à continuidade,

							à implicação, é desacelerado, sempre eufórico.
						<i>Si-ipse:</i> instância de "mira".	Permite um fluxo maior do <i>eu-carne</i> , digamos que dá mais espaço, mais abertura, é concessivo, acelerado, podendo ser eufórico ou disfórico, passível de cuidado, pois é o nível do corpo em que podem ou não ocorrer as falhas e vir à tona mais do que se deseja mostrar do <i>eu-carne</i> .

(FONTANILLE, 2011).

3 Uma discursivização interposta entre o corpo do cristão e o corpo semiótico.

Se unirmos a noção do corpo sêmio-discursivo com a noção de corpo na formação discursiva cristã, o *Si-idem* seria o espírito em diálogo com o Espírito Santo, o qual habita no cristão; seria o Espírito Santo atuante no corpo programado ao discurso cristão, pois o Espírito Santo é puro, irrepreensível (não comete falhas), o qual habita no cristão, conforme 2 Timóteo 1.14: "Guarda o bom depósito pelo Espírito Santo que habita em nós". Enquanto o *Si-ipse* seria a alma do cristão, lugar das paixões controladas pela razão humana sem interferência do Espírito Santo; assim, em contato com as coisas do mundo, fica maleável, podendo corromper-se ou não, sofrer ou não, mediante a medida de cuidado que cada corpo estabelecer como valores que o moldam enquanto ser no mundo, sem considerar o espiritual.

Conforme encontramos no discurso bíblico em 1 Coríntios 6.12: "Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas convêm; todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma". Podemos dizer que o *Si-ipse* equivale a uma alma, fase do momento de concessão, o momento em que lhe é concedido

o livre-arbítrio.

No dicionário Houaiss *online*, encontramos como definição noções da palavra *arbitrio* como "decisão dependente apenas da vontade"; "arbitragem no sentido de 'julgamento'"; "vontade própria e independente". Na Bíblia Sagrada não consta o termo *arbitrio* e nem *livre-arbitrio*², mas é possível encontrar seu conceito, por exemplo, nas seguintes passagens:

Hoje invoco os céus e a terra como testemunhas contra vocês, de que coloquei diante de vocês a vida e a morte, a bênção e a maldição. Agora escolham a vida, para que vocês e os seus filhos vivam, e para que vocês amem o Senhor, o seu Deus, ouçam a sua voz e se apeguem firmemente a ele. Pois o Senhor é a sua vida, e ele dará a vocês muitos anos na terra que jurou dar aos seus antepassados, Abraão, Isaque e Jacó (Dt 30.19-20).

Se, porém, não agrada a vocês servir ao Senhor, escolham hoje a quem irão servir, se aos deuses que os seus antepassados serviram além do Eufrates, ou aos deuses dos amorreus, em cuja terra vocês estão vivendo. Mas eu e a minha família serviremos ao Senhor (Js 24.15).

Nesse sentido, o *Si-ipse* é a parte do corpo imbuída de julgar livremente o que convém e aquilo que não convém; é o momento da peneira mediante escolha própria, é o momento de filtragem do quanto o *eu-carne* irá ou não se mostrar para o outro, para o ambiente da coletividade; seria a intensidade, a medida, para mais ou para menos do *eu-carne* e do *Si-idem*.

O corpo programado (*Si-idem*) é o corpo santo, puro, que mediante atuação do *Si-ipse*, figurativizada pelo livre-arbítrio, tem a possibilidade de escolher os valores, mediante atuação no mundo, que seria o que se diz no cristianismo, o abrir ou fechar brechas, sendo o fechar brechas eufórico, pois nega o pecado, e disfórico quando escolhe abrir brechas, pois deixa o pecado entrar na programação, profanando e reprogramando o corpo para um desvio de rota, muda a mira programada. Pensando assim, a cada nova mira, há uma nova programação. Essa reprogramação é o estilo, o *ethos* do corpo presentificado no

² Há estudos teológicos divergentes quanto à questão do livre-arbítrio entre João Calvino e Jacó Armínio. Enquanto o primeiro defende a tese de que existe diferença entre livre-arbítrio e livre agência, sendo livre-arbítrio possível apenas a Adão antes de comer o fruto proibido, ficando seus descendentes, após sua escolha, fadados à inclinação ao pecado. Assim, a escolha realizada pelo sujeito após o pecado de Adão e Eva, chamada de livre agência, pois, está condicionada à sua natureza pecaminosa. Já o segundo, Jacó Armínio, refere-se ao livre arbitrio como escolha do homem, sem levar em consideração questões sobre o pecado original. Não entraremos neste artigo em uma discussão acerca do sentido de livre-arbítrio, pois decidimos adotar o termo como livre escolha do sujeito frente às possibilidades encontradas em um determinado contexto, mesmo diante de sua condição pecaminosa, oriunda do pecado original. Para saber mais sobre tais estudos teológicos citados, leia: FEINBERG. John; GEISLER. Norman; REICHENBACK. Bruce; PINNOCK. Clark -- **Predestinação e Livre-arbítrio: Quatro perspectivas sobre a soberania de Deus e a liberdade humana** [1986], Inter Varsity Press, Downers Grove, Illinois - E.U.A. Tradução Oswaldo Ramos, Associação Religiosa Editora Mundo Cristão, São Paulo - Brasil, 2000.

nível discursivo do percurso gerativo do sentido.

Pensemos a noção de corpo após a reprogramação, agora em uma nova mira, uma nova programação. Nessa programação, imaginemos um corpo enunciador cristão, cuja tematização do discurso seja a Santa Ceia. Teríamos, então, como *Si-idem* o discurso programado: no caso da missa, hóstia e vinho; no caso de culto protestante, pão de forma e vinho. Já o *Si-ipse* seria a escolha de como proferir o discurso, seria a maneira pela qual o processo ocorre, seria o estilo, o *ethos* propriamente dito.

Antes do rito cumprir-se, um padre pode optar por relembrar o calvário de Cristo e motivar os fiéis a enfrentarem suas rotinas diárias com alegria, visto que Cristo já levou os pecados na cruz. Por sua vez, um pastor pode, por exemplo, comparar o processo primitivo de produção do trigo até a produção do pão, de modo a comparar o sofrimento de Cristo no Calvário com o esmagar dos grãos, ou o esmagar das uvas com o derramar do sangue. Ambos estariam, digamos, com o *Si-idem* cristão, mas com uma variação aspectual e de intensidade materializada no *Si-ipse*, pois equivale às atitudes, o desempenho do sujeito no discurso. Fontanille (2011) destaca a memória como marca, aquela que aparece como figura semiótica no processo coletivo que surge como produto de interação entre o eu e o si.

Outra situação poderia ser uma distração: a título de exemplo, deixar de ir à missa ou ao culto porque dormiu demais, distraiu-se e não participou do rito; assim quebrou a identidade obtida como efeito de sentido em um discurso cujo tema seria as práticas cristãs, no caso, quebradas por uma distração, perder a hora.

Toda a dinâmica do corpo actante, *eu-carne* e corpo próprio atuam em uma relação de interdependência a partir da ideia da existência de limites, que seriam intervalos que permitem a comunicação entre o *eu* e o *si* (*moi* e *soi*). Esses limites (intervalos) são chamados de limite de inércia (remanência) e limite de saturação. Limite de inércia implica uma contenção de uma afetividade, uma contenção de uma disposição intensiva do corpo.

A estabilização do processo, movida por uma impulsão, tida como o caminho orientado por Cristo na Palavra Revelada pelo arquidestinator (Deus), direcionada ao destinator (padre/pastor/mensageiro), que por sua vez direciona ao destinatário (fiel/simpatizante), o qual modalizado torna-se eufórico com o objeto valor, ou seja, passa a seguir o caminho cristão. Todavia, para manter-se eufórico precisa resistir às tentações no mundo (as forças contrárias), figurativizadas no nível discursivo do percurso.

Desse modo, há um jogo de forças constante na busca de ser cristão. Assim, para não ser vencido pelos instintos naturais, sofre com os jogos de forças axiológicos na busca constante de manter-se no caminho (estabilização do processo). Fontanille (2011) fala sobre os atos e balbucios dos atos fracassados, a falta de jeito, as vicissitudes do acidente, que podemos entender como as interferências do pecado na atuação cristã.

O corpo do enunciador é o *eu*, possuidor de gestos, uma voz, um tom, um caráter (*ethos*) e participa da construção de um plano sincrético de expressão junto com um discurso verbal, o qual encarnado é dotado de fonte e sede das energias dos impulsos dos efeitos de significação afetivo, e é a fonte que emana a mensagem do destinator divino, em seu fazer cognitivo, ao enunciatário. O enunciatário, tido como o *tu*, como o outro corpo dotado de uma incompletude, completa-se a partir de um fazer interpretativo, a partir de um acordo fiduciário materializado no ouvir e no ver a mensagem no vídeo do *YouTube*.

Pensando na metalinguagem entre o corpo discursivo e a noção de enunciação, Deus, enquanto Espírito Santo é, mais ou menos, arriscando dizer, uma metáfora da enunciação. Segundo Fiorin (2001, p. 11), em *As astúcias da enunciação*, ao tratar do mito: "Ao mesmo tempo que faz as coisas, Deus as denomina. No universo mítico, dar nome é criar. Até o quinto dia, o Senhor vai criando o mundo".

Desse modo, uma grandeza que passe pelas densidades dos modos de existência até sua concretização na presença realizada é um corpo. Assim, uma palavra, uma ideia, um projeto, um pensamento, as figuras narrativas, o enunciador, o enunciatário, unidade integral, totalidade discursiva, tudo que se

presentifica é um corpo, cujo tu é uma certeza pressuposta.

Esse corpo discursivo pode presentificar-se ou despresentificar-se, passando inversamente por todos os níveis do percurso, potencializado segundo proposta tensiva, conforme exposto ao longo deste artigo. Diante do exposto, elaboramos uma tabela conforme nossa proposta de análise a seguir:

Proposta de discursivização interposta entre o corpo do cristão e o corpo semiótico.					
Continente (Forma) - Corpo-invólucro	Conteúdo (Matéria/corpo carne)	Corpo do cristão		Corpo semiótico	
		Corpo	Carnalidade/vontade própria/paixões/pecado.	<i>Eu-carne</i>	Sente e sofre as pressões do mundo. Paixões ocultas. Envolto pelo corpo próprio, mediante as pressões do mundo, modula-se ou apenas esconde-se na construção de personagens/figuras no interior do discurso. Esse <i>eu-carne</i> fica aprisionado ou mostra-se mediante uma constante pressão.
			Paixões filtradas pela razão humana. Escolhas passíveis de engano.	<i>Si-ipse</i>	Permite um fluxo maior do <i>eu-carne</i> , digamos que dá mais espaço, mais abertura, é concessivo, acelerado, podendo ser eufórico ou disfórico, passível de cuidado, pois é o nível do corpo em que podem ou não ocorrer as falhas e vir à tona mais do que se deseja mostrar do <i>eu-carne</i> .
			Paixões filtradas com auxílio do Espírito Santo. Escolhas perfeitas.	<i>Si-idem</i>	Seria o espírito do cristão relacionando-se com o Espírito Santo. Trata-se na semiótica como o corpo programado, reflete no discurso eufórico do cristão, pois o Espírito Santo é puro, irrepreensível (não comete falhas), o qual habita no cristão.

Tabela 3 - Proposta de discursivização interposta entre o corpo do cristão e o corpo semiótico.

4 O pregador no cenário de gravação



Fonte: <https://youtu.be/W27vHBQrzLk> < Acesso em 20 de junho de 2020.

Figurativização do estúdio de gravação: enunciador sentado, constrói seu discurso a partir da leitura de uma carta de uma telespectadora, sendo a carta e quem a escreve figuras que atuam como argumento baseado na estrutura do real.

O estúdio de gravação, em relação ao púlpito da igreja, gera um ambiente descontraído; é estilo concessivo, aceleração, acento eufórico, pois é uma pregação que foge do padrão. É concentrado, pois o enunciatário presumido é o fiel católico, já que se trata da emissora Canção Nova, a qual tem como público-alvo os católicos. A imagem ampla do estúdio, de corpo inteiro à mostra no vídeo, é de espacialidade aberta. Todavia, ao ser publicado o vídeo no canal do *YouTube*, amplia-se o leque e passa a ter público misto e amplo; então estilo concessivo, difuso, acento eufórico, aceleração. A figura do padre sem batina, usa camisa, calça e sapatos, um estilo social.

Sobre a logomarca que aparece do lado esquerdo do padre, no *site* de notícias da emissora Canção Nova, há a informação de que a marca Canção Nova é identificada por três figuras: o violão, a pomba e a mão. Sendo o violão aquele

que representa a musicalidade da obra; a mão posta em oração figurativiza a fé e a obediência aos ensinamentos do Evangelho; e a pomba figurativiza o Espírito Santo (Marçal, 2016).

Considerando a figura culturalmente estabelecida na crença cristã, o fogo é figura do Espírito Santo e no estúdio de gravação materializa-se na cor laranja destacada pela luz do estúdio, e é, então, relacionada a conteúdo do sagrado; e a cor fria, no caso do piso opaco, relacionada ao profano, formando as axiologias semânticas no plano da expressão *cor quente vs. cor fria* e no plano do conteúdo *sagrado vs. profano*.

A figurativização da espacialidade se materializa em um estúdio de gravação da emissora Canção Nova. Atrás da figura do padre, encontra-se a representação dos feixes de luz provocados pelo Espírito Santo que tem a pomba como figura, o que confere a inscrição do discurso no cristianismo.

A roupa escura, de homem do mundo, figurativiza roupa mundana, comum a todos os homens, aproxima-se do público sem julgamentos dogmáticos, passa a ideia de seriedade, pois o escuro também representa o sério, e ao mesmo tempo de informalidade, gerando uma aproximação da figura do padre, que agora se apresenta como homem comum. Todas essas coisas juntas geram situações opositivas movidas pelas diferenças entre *formalidade vs. informalidade, padre vs. homem, igreja vs. mundo*.

Isso posto, o quadro do programa televisivo apresenta enunciação reportada, aquela que tem como definição o fato de que corresponde a um simulacro, no interior do discurso, da relação de comunicação entre destinador e enunciatário, conforme Courtés (1989, p. 49), em uma figurativização que consiste na leitura da carta, cujo enunciador constrói seu discurso a partir da leitura da carta do enunciatário, figurativizado como uma telespectadora.

Tanto a carta quanto a telespectadora do programa televisivo, na discursivização passam a ser figuras introduzidas em um simulacro do real, cuja intencionalidade é que sirvam de argumentos persuasivos para a adesão do discurso por outros enunciatários presumidos.

Nesse simulacro do real, quem envia a carta é a interlocutora e a figura do padre, o interlocutário, introduzidos no discurso do programa televisivo Direção Espiritual como argumentos retóricos para a construção do início da mensagem. Ao enviar uma carta ao interlocutor com um questionamento (querer-dever-saber), estabelece um contrato fiduciário. Em contrapartida, ao iniciar a leitura da carta, o interlocutário passa ao papel de destinador (fazer persuasivo/fazer-crer), que instrui um destinatário por meio de uma resposta (fazer interpretativo) (crer-dever-fazer), resposta esta, lida no nível discursivo, pelo enunciador. O programa discursivo, do enquadramento do momento de leitura da carta tem aspecto durativo, possui inaccento eufórico, é desacelerado, cuja programação consiste em ler a carta, dar uma direção que contemple tanto a carta quanto quem assiste ao programa.

O enunciador posiciona-se como cristão quando pauta seu discurso na "antropologia cristã" (Melo, 2015); a partir de um simulacro do real, responde a carta que questiona se o amor é algo que o ser humano sente porque é dádiva divina, "por sua própria qualidade e por essência, ele tem algo de inapreensível, de desconhecido e porque, de outro lado, ele não vale somente para um tempo e um lugar" (Melo, 2015). Para consolidar o argumento, o enunciador cita Santo Agostinho como argumento de autoridade, o qual o corrobora.

Profere o discurso em primeira pessoa do discurso, como em "minha vida", "o esforço que eu faço", com o uso dos pronomes do caso reto "minha", "eu". O verbo aparece no tempo presente do modo indicativo, "tenho", "quero", concomitante ao tempo da fala, debreagem enunciativa, promovendo um efeito de subjetividade, aproximando-se do telespectador, enunciatário presumido.

O enunciador lança mão de dois argumentos: o primeiro pelo exemplo e o segundo pela comparação. O primeiro argumento surge ao dizer: "Digamos que eu sou muito amado pelo Cristian... ele é um grande amigo meu... e eu piso na bola com alguma coisa... esqueço o Cristian... não quero saber mais do Cristian na minha vida..., mas ele continua me amando" (Melo, 2015). Neste momento do discurso, o enunciador concretiza a ideia dessa relação de divindade com o humano, a fim de trazer uma melhor compreensão de seu ponto de vista.

O segundo argumento é pela comparação, quando compara a dádiva divina do amor como uma chama que não se apaga, que mesmo se apagando permanece "uma chama que fume lá embaixo" (Melo, 2015).

Após tratar do amor como uma dádiva divina que todo e qualquer enunciador é capaz de sentir, começa o argumento sobre como amar o outro. Defende o ponto de vista de que para alguém amar o outro é preciso amar-se primeiramente. Novamente constrói seu discurso a partir do argumento do ser perfeito ao enunciar que o corpo humano é território do sagrado, que se expressa pelo cuidado. Desse modo, observamos que no programa narrativo de base o objeto-valor é a definição do que é o amor, é o conhecimento, sob uma perspectiva modal dever-querer-saber, visto haver uma ignorância do sentido de amor revelada pela pergunta do enunciatário. O programa de uso, pressuposto pelo de base, está na condicionante de que primeiro se ama para depois amar o outro.

Observe a citação a seguir:

[...] então no primeiro momento nós temos o amor em si... ele enquanto realidade irrenunciável... eu não tenho como retirar o amor do meu coração e dizer... eu não quero o amor de Deus na minha vida... não... eu posso até não vivê-lo... não potencializá-lo... mas ele estará sempre em mim... já o amor por mim... o esforço que eu faço... já participa... já potencializa aquilo que estava em mim anteriormente... (Melo, 2015).

O enunciador com o argumento do ser perfeito traz à baila as expressões: a) amor em si; b) amor por mim; c) potencialização; d) chama que fume, conforme consta na transcrição do vídeo. Ao aplicarmos a noção de corpo próprio que em uma metalinguagem surge com a noção de enunciação (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 124-125), temos no nível fundamental a densidade de presença virtualizada, que podemos compreender, a título de análise interpretativa, associando-se à noção da semiótica discursiva como "chama que fume lá embaixo" (Melo, 2015), que seria uma figurativização do Espírito Santo, que em uma potencialização, conforme a teoria tensiva, podemos pensar: a chama baixa equivale ao pouco diálogo do espírito do cristão com o Espírito Santo; mas uma vez tendo maior diálogo, a chama sairia da virtualização, potencializada, atualiza-se e realiza-se como um cristão cheio do Espírito Santo. Quanto aos termos "amor em si" (Melo, 2015) e "amor em mim" (Melo, 2015), seriam a formação da identidade individual (amor em si) e a coletiva (amor por

mim).

Se pensarmos o conceito de corpo cristão e corpo sêmio-discursivo, podemos interpretar, a partir da fala do enunciador, figurativizado pelo padre Fábio de Melo, que o "amor em si" é o Espírito Santo, aquele que habita em cada cristão, enquanto o "amor em mim" é esse Espírito afetado pelas coisas do mundo, visto que encarnado, submete-se às pressões, às paixões, às quais tensionam o *eu-carne* conforme exposição mediante interação com outros corpos também tensionados no coletivo.

Dentro do conceito de corpo nos estudos de Fontanille (2011), o "amor em si" seria o *Si-idem*, o Espírito Santo que habita no cristão, munido de valores irrepreensíveis, enquanto o "amor em mim" seria o *Si-ipse*, seria a alma do cristão, momento de concessão, que apesar de seus valores, é afetado pelo mundo, pois guia-se nessa fase como razão humana e não pelo espírito. Sendo o grau de cuidado diante das tensões o controle do *eu-carne* (Fontanille, 2011), parte integrante do corpo discursivo.

Conforme a possível interpretação que sugerimos acima, o Espírito Santo, um ser divino, que na fala do enunciador é "como se fosse uma fogueira", que ao se tornar pecador, mediante escolha pelo livre-arbítrio, apaga a chama, que seria o Espírito Santo que habita em cada corpo cristão.

O enunciador escolhe o substantivo "erros" em vez de "pecados", de modo a amenizar os valores cristãos nos quais se inscreve, o que favorece a adesão ao discurso por um enunciatário não cristão, visto que tem o cuidado em substituir a palavra pecado pela palavra erro, mais difundida e aceita como falha, independente de inscrição religiosa, conforme trecho da transcrição a seguir:

Os erros têm esse poder... não de apagar o amor... mas de ofuscar... de colocar que está acesa e a gente vai jogando coisas para apagar... nunca apaga aquela chama que fuma lá embaixo... mas a gente perde a percepção da grande fogueira que ela é... (Melo, 2015).

A partir do trecho acima, observamos que o Espírito Santo, que mora no cristão, o *Si-idem* do corpo sêmio-discursivo, intensifica-se para mais ou para

menos conforme as escolhas tidas no *Si-ipse*, lugar de livre-arbítrio. Assim, quanto mais próximo dos valores cristãos, mais amor há no corpo próprio, portanto mais amor-próprio, estabilização do processo; e quanto menos valores cristãos no *Si-ipse*, menos amor no corpo próprio, portanto, menos amor-próprio, minimização disfórica.

Conclusão

Neste artigo, propomos uma análise a partir de uma discursivização interposta entre o corpo do cristão e o corpo discursivo. A partir de um sujeito realizado, cuja percepção de mundo materializa-se quando está inscrito no discurso religioso, modulando-se por valores cristãos, axiologizados em pecador *vs.* cristão com a figuralidade composta pelas marcas do cristianismo, assumindo assim uma identidade.

Para tanto, apresentamos as configurações do corpo no discurso fundador da fé cristã como corpo na Santíssima Trindade, o corpo como igreja de Cristo, o corpo do cristão como templo; e depois tratamos da noção de corpo na semiótica discursiva.

A partir da análise realizada, encontramos um *elã* da lentidão, pois é oferecido ao enunciatário um discurso temático-figurativo construído a partir da leitura de uma carta, a qual é respondida pelo apresentador em tom amigável, calmo, tranquilo, com cadência lenta. Desse modo, o perfil aspectual é da lentidão. Quanto à intensidade, a direção é de andamento desacelerado e tonicidade átona.

No plano de expressão, destaca o modo lento de responder à carta e, no plano de conteúdo, como figura retórica, a comparação e a metáfora se destacam, pois o conceito de corpo segundo o cristianismo é utilizado como referência para explicar os conflitos internos sofridos pelo enunciatário, o que configura uso de estratégia discursiva carregada de sentido.

O perfil rítmico é de lentidão, extensidade regida pela longevidade, pois não há uma novidade impactante, mas sim uma sequência serena ao ler e responder a carta, em uma cadência linear de um discurso previsível.

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição corrigida e revisada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, [ano].
- BOOR, Walter; BÜRKI, Martin. **Introdução à doutrina da alma**. Curitiba: Editora Esperança, 2007.
- CHABROL, C.; MARIN, L. (org.). **Semiótica narrativa dos textos bíblicos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1980.
- CHABROL, C. Problemas da semiótica narrativa dos textos bíblicos. In: CHABROL, C.; MARIN, L. (org.). **Semiótica narrativa dos textos bíblicos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1980.
- FIORIN, J. L. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. São Paulo: Contexto, 2001.
- FONTANILLE, J. **Corps et Sens**. Paris: PUF, 2011.
- FONTANILLE, J. **Semiótica do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.
- GEISLER, Norman; NIX, Willian. **Introdução Bíblica**. Tradução de Oswaldo Ramos. São Paulo: Editora Vida, 1997.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2020.
- LIÃO, Irineu de. **Contra as heresias**. São Paulo: Paulus, 1995.
- MARÇAL, J. Redesign da Marca Canção Nova foi lançado nesta semana. **Notícias Canção Nova**, [local], [data]. Disponível em: <https://noticias.cancaonova.com/brasil/superintendente-explica-o-redesign-da-marca-cancao-nova/>. Acesso em: 12 out. 2023.
- MELO, Fábio de. **Tenha amor próprio**. [S.l.]: Canção Nova, 7 out. 2015. 1 vídeo. Publicado pelo canal Fabiano Pereira. Disponível em: <https://youtu.be/W27vHBQrzLk>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- SILVA, Sueli Maria Ramos da. A semiótica greimasiana no quadro epistemológico das teorias da linguagem e dos estudos da religião. **Horizonte - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 16, n. 51, p. 1066-1084, set./dez. 2018.
- TATIT, L. Abordagem do texto. In: FIORIN, J. L. (org.). **Introdução à linguística I: objetos teóricos**. São Paulo: Contexto, 2007.
- VALÉRIO, Samuel Pereira. Igreja: organismo ou organização? **Teologia em Revista**, v. 3, n. 4, jun. 2024. Disponível em: <http://teologiaemrevista.emnuvens.com.br/teologia/article/view/57/37>. Acesso em: 24 ago. 2025.
- VINE, W. E.; BARCLAY, William; ELY, E. **Dicionário Expositivo das Palavras do Antigo e Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

ZILBERBERG, C. Síntese da gramática tensiva. **Significação: Revista de Cultura Audiovisual**, v. 33, n. 25, p. 163-204, jun. 2006. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/65626/>. Acesso em: 26 nov. 2020.

ZILBERBERG, C. **Elementos de semiótica tensiva**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

ZILBERBERG, C. **Tensão e significação**. São Paulo: Discurso Editorial; Humanitas/FFLCH/USP, 2001.